

*Successão*

# Candidatura única

**E** stamos marchando, a passos largos, para a candidatura única à Presidência da República, troco bem comportado que a Oposição dá aos candidatos únicos do regime militar, impostos de 1964 para cá.

O que sobrou do PDS está dividido entre uns poucos que ainda apoiam Paulo Maluf e os que desejam vê-lo, já, já fora do páreo, desobstruindo o caminho que os levará aos escritórios da Aliança Democrática.

No PDS, o que se quer é a ascensão do político mineiro ao poder com apoio de todos, para que todos sejam indistintamente tratados. A fim de que não haja vencidos nem vencedores.

Quando alguns malufistas falam na renúncia do candidato, pensam na salvação da própria pele. Querem livrar-se do ônus de ter apoiado Maluf, — o bode expiatório do regime — que temem lhes seja cobrado, com juros e correção monetária, nos palanques de 1986. Tendo um pato para pagar a avantajada conta do regime, o Governo Figueiredo livra as próprias costas. Sai de fininho da candidatura oficial e tenta fazer boa figura ante o sol que nasce.

A Oposição age com irrepreensível competência. Quer, de volta, o poder que lhe foi arrebatado em 1964 e, para tanto, se dispõe a pagar o preço pedido. Põe o lenço no nariz e apóia Atila para o TCU, até Shigeaki Ueki para a embaixada na Suíça, terra daqueles bancos discretíssimos. Os governadores do PDT e do PMDB põem o Presidente nos cornos da lua, considerando-o pai e mãe da abertura. Deputados e senadores oposicionistas vão ao beija-mão palaciano. Desarmam o Governo. E ainda o educam para que não negue mais cumprimentos ao vice-presidente da República nem a governadores, ungidos pelo voto popular.

Tancredo Neves está falando ao País, como virtual presidente, reafirmando proposta não revanchista, da transição mansa e pacífica do autoritarismo para a plenitude democrática. Já nem precisa forçar o tom da oratória oposicionista, que vai ficar daqui pra frente por conta de Paulo Maluf. Até 15 de março e até o fim do próximo Governo. Tancredo com-

parece aos comícios apenas para mostrar que sua eleição indireta é convalidada pelo favor do povo, na praça pública.

## REVIRAVOLTA

Por tudo isso, é possível reviravolta na Frente Liberal para sua transformação imediata em partido, o que não estava nos cálculos de seus líderes. É uma questão de espaço político. O Partido Liberal deverá nascer somente após a eleição de 15 de janeiro, com os nutrientes do oficialismo. Isso poderá ser alterado, porém, diante de manobras de pedessistas que querem melar o jogo, escapar da derrota no Colégio Eleitoral e aderir, logo, a Tancredo Neves. É exatamente isto o que menos interessa aos integrantes da Frente Liberal: ficar com o PDS, sigla desgastada, e dividir o botim governamental com os adesistas de última hora. O vice-presidente da República, Aureliano Chaves, faz muito empenho em lembrar os aliados de primeira hora, alvejados por desabafos íntimos do presidente João Figueiredo e apontados, como traidores, por pronunciamentos públicos de ministros militares e diferenciá-los dos que somente desceram do muro ou mudaram de bandeira quando não havia qualquer risco em empurrar o andor de Tancredo. O que os liberais pretendem, ardentemente, ao fundar seu partido, é manter a portaria fechada aos filhos pródigos que querem um lugar privilegiado no banquete. Talvez isso ocorra se puderem manter o veto ao ingresso dos pedessistas, hoje desesperançados da vitória de Maluf, que querem porque querem manter-se ligados ao poder.

## PREVISÃO

“Alguém pode ter até a idéia. Duvido tenha coragem de propô-la ao Aureliano”, assim o ex-governador de Minas, Francelino Pereira, dimensiona a reação do vice-presidente Aureliano Chaves à tentativa de abrigar no Partido Liberal os naufragos do PDS.